

A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO TECNOLOGIA SOCIAL NA EDUCAÇÃO: DE QUE FORMA A COLABORAÇÃO EM UM AMBIENTE WEB PODE MUDAR A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E POTENCIALIZAR O APRENDIZADO?

THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK AS SOCIAL TECHNOLOGY IN EDUCATION: HOW DOES COLLABORATION IN A WEB ENVIRONMENT CHANGE THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP AND PROMOTE LEARNING?

MARIÂNGELA BARICHELLO BARATTO¹

TAÍS FIM ALBERTI²

1 Mestranda no Mestrado Profissional em Tecnologias Educacionais em Rede, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). *E-mail:* maribbaratto@gmail.com.

2 Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). *E-mail:* tais.alberti@ufsm.br.

RESUMO: O impacto das Tecnologias da Informação e da Comunicação está diretamente relacionado ao papel das tecnologias na sociedade. Em tempos de sociedades virtuais, elas são cada vez mais necessárias em vários ambientes, inclusive educacionais. Vem à tona a importância de tecnologias que possam gerar produtos e metodologias inovadoras, resultar interação entre os envolvidos no processo educacional e, assim, melhorias no ensino, aprendizado, gerando transformações sociais. Assim, a presente pesquisa é pautada no uso da Rede Social *Facebook* como tecnologia social em sala de aula e pretende identificar potencialidades desta rede como potencializadora da relação professor-aluno. Para isso, reflexões foram construídas a partir de pesquisa bibliográfica, envolvendo conceitos-chave, como: tecnologias sociais na educação, sociedade da informação, colaboração, participação e competências educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Sociais, Tecnologias da Informação e Comunicação, Colaboração em Rede, Rede Social *Facebook*, Relação Professor-aluno.

ABSTRACT: The impact of Information and Communication Technologies is directly related to the role of technologies in society. In times of virtual societies, they are increasingly necessary in various settings, including educational settings. Hence the importance of technologies that can generate innovative products and methodologies, resulting in interaction among those involved in the educational process and, through this, improvements in teaching and learning, generating social transformations. This research investigates the use of Facebook in the classroom, as social network technology, seeking to identify its potential for promoting the teacher-student relationship. Reflections were built based on Bibliographic Research involving key concepts such as: social technologies in education, information society, collaboration, participation and educational skills.

KEYWORDS: Information and Communication Technologies, Network Collaboration, Facebook Social Network, Teacher-student relationship.

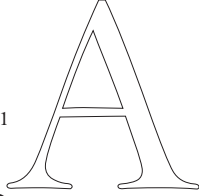


UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI

RBTS

Revista Brasileira
de Tecnologias Sociais



INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, está-se acompanhando o surgimento de uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural identificada como Sociedade da Informação, que comporta novas maneiras de trabalhar, comunicar-se, relacionar-se, aprender, pensar e viver (COLL; MONEREO, 2010). De forma complementar, pode-se dizer que se vive em meio a um novo paradigma tecnológico organizado em torno das tecnologias da informação (CASTELLS, 2000) e associado a profundas transformações sociais, econômicas e culturais.

São novas formas sociais que não exigem que as pessoas vivam, se encontrem ou trabalhem face a face para produzir mercadorias, oferecer serviços ou manter relações sociais significativas (SHAYO *et al.* 2007 *apud* COLL; MONEREO, 2010). É possível afirmar que o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) modifica os modos de viver e relacionar-se e, também, de ensinar e aprender. Frente a essa nova realidade, Monereo e Pozo (2007) apontam o impacto das TICs em quatro grandes cenários sociais: O primeiro deles é o cenário educacional, composto por situações e atividades da educação formal e informal, bem como aprendizagem e formação ao longo da vida. Os demais são os cenários profissional e laboral, o cenário comunitário e o cenário pessoal. Esta pesquisa será pautada, especialmente, no cenário educacional.

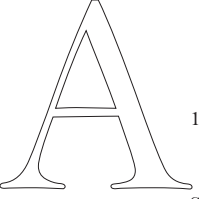
Nesse contexto, fala-se em pensar processos favoráveis para a inovação e democratização da educação e, para isso, é consenso que há a necessidade de investir em ações que visem ao desenvolvimento educacional e social. É possível também afirmar que se vive em meio a anseios que envolvem um novo modo de fazer a educação, centrado na construção coletiva do conhecimento, somando a essa discussão os ideais de empoderamento dos estudantes (FREIRE, 2001), visto que cada vez mais se constata que o saber não está apenas restrito ao professor; especialmente em tempos de mudanças de papéis de alunos e professores, e as infinitas possibilidades e modalidades de interação e acesso a recursos variados por meio da internet e demais tecnologias.

As Tecnologias da Informação e Comunicação, representadas mais especificamente nesta pesquisa pelas Tecnologias Educacionais e Sociais - consideradas mecanismos facilitadores de acesso à informação, à educação, à comunicação, à participação e ao convívio em sociedade - podem contribuir muito para a busca por uma educação mais completa e humana. Acredita-se, ainda, que esse efeito pode ser intensificado quando se conseguem unir as tecnologias com modos de produção colaborativa que possam auxiliar discentes e docentes no processo de construção do conhecimento e crescimento de todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender.

A partir disso, pretende-se centrar o presente trabalho na ideia de que as redes sociais - especialmente o *Facebook* - são um forte exemplo para esse movimento de tornar a educação mais eficaz e humana por meio das tecnologias educacionais e sociais. Sendo assim, o tema da presente pesquisa, que parte de uma pesquisa maior¹, é “o uso da Rede Social *Facebook* como recurso tecnológico educacional e social”, sendo a questão-problema “identificar os limites e as potencialidades do uso da rede social *Facebook* como modo de produção colaborativa e tecnologia social em ambientes educacionais”.

Realizam-se tais questionamentos, acreditando que “há que reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de

1 O presente artigo é parte de reflexões feitas durante o Mestrado Profissional em Tecnologias Educacionais em Rede da Universidade Federal de Santa Maria, que devem originar a dissertação de mestrado, intitulada “O uso da Rede Social *Facebook* como ambiente virtual de ensino-aprendizagem em uma instituição de educação profissional e tecnológica: O caso do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).”.



socialização” (BACCEGA, 2009, p.21). Além disso, segundo Marcuschi (2008), todas as tecnologias comunicacionais geram ambientes ou entornos comunicativos que permitem culturas variadas. Um ambiente virtual é um espaço produzido para práticas sociais específicas mediadas por tecnologia computacional e disponibilizadas em rede.

As reflexões para o presente artigo foram construídas a partir de um estudo que consiste em uma pesquisa bibliográfica em torno dos conceitos-chave: Tecnologias na Educação e TIC (BACCEGA, 2009; CASTELLS, 1999; CASTELLS, 2003; MARTIN-BARBERO, 2008; MONEREO; POZO, 2007; TYBUSCH, 2012), Rede Social *Facebook* e produção colaborativa em rede aplicada à educação (CASTELLS, 1999; FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012; TYBUSCH, 2012), Tecnologias Sociais (DRAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004). A estes somam-se alguns termos pertinentes, como Sociedade da Informação (COLL; MONEREO, 2010), Ecossistema Comunicativo (MARTIN-BARBERO, 2002; LEVY, 2010), Competências Educacionais (MEIREU, 2008; COLL; MONEREO, 2010); Empoderamento (FREIRE, 2001) e Participação (DEMO, 2001).

1 TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: DE NOVIDADE À NECESSIDADE

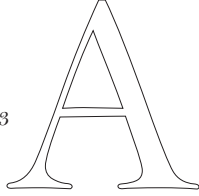
Embora se tenha ciência de que nesse campo e interlocução entre Tecnologias e Educação possam estar inseridos recursos do território digital, de arte-educação, meio ambiente, educação a distância, entre muitos outros tópicos e linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura (BACCEGA, 2009), destaca-se que quando se fala em tecnologia e educação, torna-se impossível deixar de se lembrar de tecnologias como o computador e internet, tão necessários nos dias em que muito se fala em tecnologias da informação e comunicação e convergência digital.

Fazendo uma retrospectiva de como se chegou à atual Sociedade da Informação e Sociedade em Rede, tem-se que os primeiros computadores digitais foram criados no fim da década de 40 (CASTELLS, 1999) e início da década de 50 (COLL; MONEREO, 2010), e estes encontraram “(...) na corrente comportamentalista e suas máquinas de ensino analógicas um terreno fértil para o desenvolvimento da educação assistida por computador” (COLL; MONEREO, 2010, p.20). Ainda segundo Castells (1999), a introdução para o que hoje se chama de computador foi concretizada pela IBM (*International Business Machines*) em 1981, com o Computador Pessoal (PC).

Destaca-se que:

A Rede Mundial de Computadores não foi projetada para uma única aplicação. Foi desenhada de forma ampla para configurar-se em uma ‘infraestrutura geral dentro da qual poderiam ser concebidas novas aplicações e novos serviços’. (ARAIA; ERM; VIDOTTI; SABG, 2010, p. 26 *apud* TYBUSCH, 2012, *on-line*).

Na educação, as tecnologias de comunicação encontram seus referenciais em ensino centrados em textos e no nascimento dos livros didáticos e do ensino a distância por correspondência (COLL; MONEREO, 2010). Tem-se que tal interlocução se desenvolveu inicialmente nos Estados Unidos a partir da década de 1940, quando a tecnologia foi utilizada visando formar especialistas militares durante a Segunda Guerra Mundial e, para alcançar tal objetivo, foram desenvolvidos cursos com o auxílio de ferramentas audiovisuais. Essa relação evoluiu nos anos 60 – com a chamada Revolução Tecnológica, em que rádio e televisão surgiram com força – e nos anos 70 com o desenvolvimento da informática (ALTOÉ; SILVA, 2005).



Segundo Castells (1999), a internet foi criada em 1969 para fins militares, a partir de um pedido do Departamento de Defesa dos Estados Unidos a uma equipe de pesquisa de universidades americanas para que projetasse um sistema de comunicação invulnerável resistente a um eventual ataque nuclear. O autor fala também sobre o impacto dessa ferramenta nos tempos atuais, afirmando que “(...) a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”, o que pode trazer muitas contribuições relevantes ao processo de ensinar e aprender (CASTELLS, 2003, p.08). Segue dizendo que a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação e busca, constituindo um novo e complexo global para a ação social e, por extensão, para o aprendizado e para a ação educação (CASTELLS, 2003). A partir disso, há diferentes percepções em torno desse recurso.

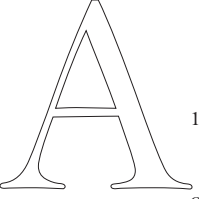
Graças à interligação entre diferentes computadores digitais e à internet, chegou-se à sociedade da informação, tendo no desenvolvimento das redes sem fio e internet móvel o resgate do que se pensava ser uma velha utopia: a ideia de conectividade total (COLL; MONEREO, 2010). Junto disso, veio o conceito de internet como Ciberespaço, destacando-se a potencialidade da internet como imitadora da realidade paralela.

De forma complementar a essa evolução conceitual, mencionam-se os períodos temporais de evolução da internet: a *World Wide Web* (também chamada *Web 1.0*) - quando o usuário era mero consumidor dos conteúdos, a *Web Social* (também chamada *Web 2.0*) - permite ao usuário criar e difundir conteúdos. Diz-se que a infância da rede ocorreu na *Web 1.0*, que trazia uma visão tradicional da educação e uma postura transmissiva-receptiva do ensino e da aprendizagem. Tal afirmação se fortalece, especialmente quando são consideradas as limitações da rede, que permitem apenas ler, seguir instruções e baixar arquivos de um lugar estático. Na *Web 2.0*, a internet chega à puberdade e a rede não é mais apenas um espaço em que se ia para procurar e baixar informação e todo o tipo de arquivo (COLL; MONEREO, 2010).

Ainda segundo os autores, ao destacar aplicativos, utilidades e serviços que permitem ao usuário criar e difundir seus próprios conteúdos, a *Web 2.0* abre perspectivas importantes para o desenvolvimento de propostas pedagógicas e didáticas baseadas em dinâmicas de colaboração e cooperação. É possível afirmar que ela abre caminho para os próximos períodos de desenvolvimento da rede: a *Web Semântica* (também chamada *Web 3.0*) - base de dados global capaz de proporcionar recomendações personalizadas para os usuários - e a *Web Colaborativa* (TYBUSCH, 2012). Destaca-se, no presente trabalho, o período da *Web Colaborativa*.

Desde então, tem-se de forma cada vez mais frequente a incidência dessas tecnologias (e de novos recursos tecnológicos, que surgem a todo o tempo) no cotidiano das pessoas e, em consequência disso, o uso mais frequente das ferramentas de comunicação e informação nos processos educativos e mudanças sociais. Considerando tal contexto, diz-se que, em busca de uma educação com mais qualidade, igualdade e senso crítico, a introdução de tecnologias nesse meio deixa de ser uma novidade e passa a ser uma necessidade, sendo cada vez mais imprescindível que os ambientes escolares estejam conectados às redes de informação e de conhecimentos instauradas junto às tecnologias e informação e comunicação.

Estando essa necessidade em evidência, a inserção e a apropriação das tecnologias em espaços educativos proporcionam e mantêm a revolução da informação, além de contribuir muito para a construção do que se pode chamar de Ecosistema Comunicativo (LEVY, 2010; MARTIN-BARBERO, 2002), que consiste na ampliação dos tempos, espaços e conceitos; lugares de redes



complexas de saberes nos quais os atores são múltiplos educativos. Do ponto de vista educacional, acredita-se ser pertinente utilizar tal conceito, considerando a ampliação do tempo em sala de aula (que deixa de estar restrita às paredes da escola). Ainda segundo Martin-Barbero (2008), a escola já deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, visto que há uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais e expandem-se socialmente.

Pode-se dizer também que a tecnologia educacional e social garante aos meios sua presença em contextos sociais de alunos, professores, cidadãos em geral, independentemente de eles possuírem ou não aparelhos de mídia (BACCEGA, 2009). É inegável, portanto, que a internet rompe com a comunicação vertical e mercantilizada, sendo, desse ponto de vista, revolucionária. Nunca, antes, houve tantas possibilidades reais de democratizar a comunicação (BRASIL, s/d.) e a educação.

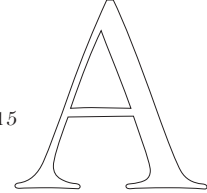
A partir do que já foi exposto até aqui, é notável como “as gerações mais novas parecem nascer, de fato, conectadas ao trabalho com computadores e acesso à internet, além de outros aparatos. Lidam com todos eles, com a mesma facilidade que os mais velhos têm de abrir um livro” (BRASIL, s/d., p.21). E, assim, é possível afirmar que computador e internet propiciam ao professor atuar de forma diferente em sala de aula, sendo possível instigar os alunos a desenvolver pensamento crítico e reflexivo, aprimorando e transformando ideias e experiências. Para além disso, entende-se também que, mais do que a ampliação do tempo do estudante no ambiente escolar, é preciso considerar outras extensões, refletindo sobre como as experiências educacionais que acontecem dentro e fora dos limites físicos da escola influenciam os novos atores sociais e o processo educativo de crianças, adolescentes e jovens.

2 A INSERÇÃO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS E A RELAÇÃO PROFESSOR/ ALUNO EM AMBIENTES EDUCACIONAIS

Como exposto até o momento, torna-se claro perceber que o papel da tecnologia em sala de aula extrapola os limites de adequações ao que é moderno e atual. Trata-se da inserção e da atuação social, visto que elas contribuem para a formação dos agentes envolvidos com o aprendizado. Dessa forma, torna-se cada vez mais fundamental permitir que o processo educacional dialogue com as tecnologias cotidianas. Considerando tal fato, entende-se que, com o passar do tempo, há a consolidação da presença de tecnologias nesse meio e, conforme elas são legitimadas, há a compreensão de seu papel, que extrapola o caráter educacional, atingindo também o cunho social.

Nesse sentido, estão inseridas as Tecnologias Sociais, definidas pela Rede de Tecnologias Sociais (RTS) como “(...) produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis e inovadoras, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social às diversas realidades onde elas se aplicam” (INTTITUTO KAIROS, s/d.). Sabe-se que, assim como uma instituição de ensino, uma tecnologia pode mudar realidades e ser responsável por grandes transformações sociais. Dessa forma, entende-se o grande potencial existente na união entre escola e tecnologia social, especialmente quando se objetiva fortalecimento da educação por meio de uma nova prática de ensinar e aprender, protagonizada por professores e estudantes.

Nesse sentido, acredita-se que a relação entre professor, aluno e seus papéis na sociedade possa ser intensificada por meio do que pode ser chamado de produção colaborativa mediada por tecnologias. Trata-se de uma prática que “[...] em diversos setores do mundo empresarial,



educacional, comercial e de participação social já é uma realidade sedimentada e em constante expansão” (TYBUSCH, 2012, *on-line*). Destaca-se ainda, a partir do que diz Tybusch (2012), que o Setor Educacional apresenta muitas potencialidades para a aplicação de Plataformas de Colaboração em Rede com o intuito de fomentar sistemas de Gestão e Políticas Públicas Educacionais. Nota-se, então, que a presença de tecnologias - como mediadoras da educação na sala de aula e como influenciadoras sociais - torna-se necessidade e as reflexões sobre como utilizá-las a favor da educação e dos empoderamento social precisam estar cada vez mais presentes em ambientes educacionais.

Quando se fala em empoderamento em ambientes escolares, logo vem à tona a relação convencional de professor protagonista e aluno ouvinte. Porém, considerando o contexto atual, essa imagem construída social e historicamente precisa ser revista e reconstruída ao passo que os novos cenários educacionais questionam o ponto onde exatamente começa e termina a ação de escolas, estudantes e professores. Dessa forma, apresenta-se o termo relação professor-aluno, que se fortalece cada vez mais em tempos de conexão e diálogos presenciais e em rede, enfatizado em torno de uma relação que cada vez mais precisa estar pautada em diálogo e colaboração, na qual estudantes aprendem com professores, professores aprendem com estudantes, estudantes aprendem com estudantes e todos aprendem com todos em todos os espaços, sendo eles físicos ou virtuais. Trata-se de um espaço de construção coletiva e colaboração.

Por meio da história da internet e do surgimento das tecnologias, é “[...] possível verificar um interessante percurso em direção ao desenvolvimento de um ambiente informacional mais colaborativo, que [...] possibilita, gradativamente, um maior grau de interação e interatividade” (TYBUSCH, 2012, *on-line*). Nesse sentido, diz-se que

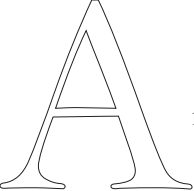
[...] a disseminação das redes de informações alavancou uma nova perspectiva de interações, suportes, possibilidades e desafios de associações entre sujeitos construtores de saberes, onde são constantemente convidados a gerirem seus conhecimentos, seus compartilhamentos e suas conexões. (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012, p.05).

Em função disso, atualmente muito se fala em colaboração, mas é preciso considerar o seu significado claramente definido, não confundindo com um simples aglomerado de produções individuais (BRASIL, s/d., p.35). Tem-se, de acordo com o Dicionário Michaelis *On-line*, a seguinte definição:

1 Ato ou efeito de colaborar, de trabalhar em conjunto; cooperação, ajuda. 2 Matéria publicada em jornal ou revista, geralmente assinada, escrita por uma pessoa que não pertence ao quadro efetivo de redatores da publicação. 3 Participação na realização de uma obra literária, científica etc. 4 Conjunto de colaboradores. 5 Reunião de duas ou mais pessoas que trabalham juntas para produzir ou utilizar uma aplicação multimídia.

Considera-se aqui o significado de colaboração que mais se aproxima da descrição do que se trata da reunião de pessoas que trabalham juntas para produzir ou utilizar algo e é possível afirmar que, com o auxílio das tecnologias, centenas de milhões de pessoas conseguem:

[...] se tornar produtoras de informações através de seus próprios sites ou blogs ou postando vídeos, fotos ou áudios em espaços abertos (YouTube é apenas o mais conhecido, as opções são inúmeras). Listas de discussão, fóruns, redes de relacionamentos (Orkut, Facebook etc.), Twitter e outros recursos permitem,



por outro lado, uma circulação diversificada e livre de informação. (BRASIL, s/d., p.13).

E tendo um novo papel no processo educacional, os estudantes passam a ter voz, havendo a criação de novos espaços dialógicos horizontais e ecossistemas comunicativos, bem como a construção de autonomia e estímulo ao protagonismo desses estudantes nos novos espaços (BRASIL, s/d., p.23).

A imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise em um mundo conectado por tela de computador. Continuamente, aparecem grupos de estudantes que, através da internet, colaboram e se juntam em suas tarefas escolares com espantosa facilidade. (COLL; MONAREO, 2010, p.31).

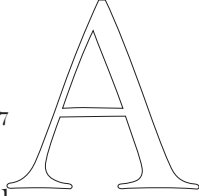
Parece inevitável que, diante dessa oferta de meios e recursos, o professor abandone o papel de transmissor de informação, substituindo-os pelos papéis de seletor e gestor dos recursos disponíveis, tutor e consultor no esclarecimento de dúvidas, orientador e guia na realização de projetos e mediador de debates e discussões (COLL; MONAREO, 2010, p.31).

3 A REDE SOCIAL *FACEBOOK*: UMA TECNOLOGIA SOCIAL

Sabe-se que uma tecnologia social precisa ser essencialmente colaborativa para poder cumprir seu papel. Atualmente, tem-se a *Wiki*, ferramenta de escrita colaborativa como uma das mais conhecidas e utilizadas plataformas educacionais de colaboração em rede (TYBUSCH, 2012). Apesar disso, pretende-se, aqui, trazer reflexões sobre a existência de outras plataformas com potencial formador de redes de colaboração em instituições de ensino e fora delas. Isso porque se entende que, além da *Wiki*, outros ambientes virtuais também possuem potenciais de colaboração e compartilhamento de conhecimento, tendo como finalidade a construção de um ser pensante, questionador e mais humano.

Tendo em vista que há cada vez mais o desenvolvimento (e a necessidade) de ambientes colaborativos com grandes diferenciais em relação à interação e à interatividade, as redes sociais estão sendo apontadas por pesquisadores de várias áreas (BACCEGA, 2009; CASTELLS, 1999; FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012; MARCUSCHI, 2008; TYBUSCH, 2012) como tecnologias educacionais e sociais, bem como potencial modo de produção colaborativa em ambientes educacionais. Podem ser vistas como Plataformas para a Colaboração que, segundo Tybusch (2012, *on-line*), são inovadoras e ousadas formas de expandir a capacidade produtiva em diversos setores de aplicação, visto que “[...] podem servir de embasamento para que comunidades de parceiros em rede possam criar valor e inovar”.

Como já mencionado neste trabalho, a Rede Social *Facebook* será abordada como potencial Tecnologia Educacional e, principalmente, Social. O *Facebook* foi criado, em 2003, pelos estudantes Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e o brasileiro Eduardo Saverin, que estavam no segundo ano de faculdade na Universidade de Harvard. Inicialmente denominado *Facemash*, tinha como objetivo ser um *site* para alunos da universidade o qual permitisse comparar fotos que foram coletadas a partir do sistema de segurança da universidade. A partir disso, pouco tempo depois, Zuckerberg começou a programar o código de uma rede virtual denominada *thefacebook*, em que era possível criar amizades virtuais entre os universitários de várias instituições diferentes.



A expansão continuou e, em 2005, o *Facebook* foi oficialmente inaugurado com seu nome atual (AGUIAR, s/d.)

Dados de 2016 dão conta de que, atualmente, a rede social *Facebook* conta com 99 bilhões de usuários ativos mensais e 89 bilhões de usuários móveis ativos mensais em todo o mundo (AGUIAR, s/d.). Além de usuários por meio de perfis, contabiliza-se também um grande número de páginas comerciais e grupos - comunidades virtuais, criadas especificamente para o compartilhamento de assuntos de interesse comum dos membros, recurso interessante quando se pensa nessa rede social como espaço de colaboração.

Isso porque:

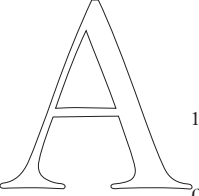
... o *Facebook* em sua plataforma agrega recursos que permitem ações interativas na *Web* como: filiar-se a grupos, exibir fotos, criar documentos com a participação de todos na construção de um texto coletivo, criar eventos com agendamento das atividades dentro e fora da plataforma, criar enquetes como recurso para pesquisas, bate papo, etc. (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012, p.06).

Cientes das características da plataforma, percebendo o impacto e os benefícios que a inserção de tecnologias podem causar nos ambientes escolares e, partindo do princípio de que até mesmo a tecnologia mais simples e cotidiana pode possuir potenciais inexplorados nesses espaços, pauta-se tal discussão na crença de que a Rede Social *Facebook* pode sim ser considerada uma tecnologia educacional e, mais do que isso, uma tecnologia social. Isso porque se percebem várias características dessa rede social as quais estão alinhadas às definições que cercam e conceituam as Tecnologias Sociais (DRAGNINO; BRANDÃO; NOVAIS, 2004), são elas: 1) ser uma alternativa mais eficaz para a solução dos problemas sociais e um vetor para a adoção de políticas públicas que abordem a relação ciência-tecnologia-sociedade (CTS), sendo coerente com a realidade e o futuro da sociedade; 2) possuir os atributos de interdisciplinaridade, pluralidade e efetividade.

Conforme Castells (1999), as redes apresentam-se como nova organização social, sendo capazes de modificar operações e resultados das produções, das experiências, do poder e da cultura. Por consequência, isso requer novos olhares e formas de agir, quebrando paradigmas e influenciando a sociedade na qual está inserido. Diz também que tecnologia adequada é aquela que os atores envolvidos no processo dominam e, nesse sentido, a Rede Social *Facebook* é muito assertiva, visto que é a principal escolha de muitos usuários de Redes Sociais de vários perfis no mundo. Outro aspecto pertinente que se pode pontuar é que, em função de seu sucesso e grande adesão, é considerado um grande influenciador em questões relacionadas à política, à cultura e à opinião pública, além de poder ser considerado um ambiente para a educação - como o presente estudo propõe.

Falando especificamente em Redes Sociais, considera-se que essas tecnologias oferecem aos professores um imenso potencial pedagógico, além de inúmeras possibilidades educativas que permitem interação e colaboração com objetivos definidos, que a partir de uma proposta pedagógica alcançam uma aprendizagem colaborativa (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012). Somado a isso, é possível destacar também que a troca de conhecimento entre atores do processo educativo (professores e estudantes) de diversas idades pode resultar em uma enriquecedora experiência mútua por meio do diálogo.

Cabe ao professor saber utilizar o *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem, favorecendo o aprendizado, de forma coletiva, interativa e contextualizada aos interesses do grupo,



fazendo da rede um “lugar onde os sentidos se formam e se desviam, emergem e submergem [...] levando-se em conta, principalmente, a pluralidade de sujeitos – a diversidade de identidade que habita cada um de nós” (BACCEGA, 2009, p. 22). Isso porque,

[...] o aluno que se vê envolvido na criação de uma prática colaborativa de aprendizagem, quando do resultado de seu processo de formação torna-se crítico, eficiente, aberto às mudanças, envolvido com a trajetória criada e compartilhada, inferente em sua prática social [...]. (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012, p.05).

Nesse sentido, a colaboração, especialmente em Redes Sociais, trata-se de uma cultura ativa de aprendizagem, na qual “os sujeitos são considerados como autores e produtores participativos que realizam reflexões críticas, estabelecendo relações e interagindo com respeito mútuo e com solidariedade” (BRASIL, s/d., p.36).

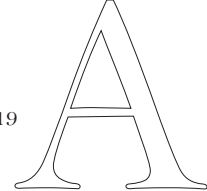
A partir de reflexões anteriores sobre o que significa colaboração, a essência da rede social *facebook* e em torno de pesquisas já desenvolvidas, acredita-se no seu grande potencial como recurso educacional colaborativo, tendo em vista que “o conhecimento se caracteriza pela totalidade, possível pela transdisciplinaridade. Pela imersão no diálogo das ciências humanas e sociais, estabelecido entre elas próprias, e entre elas e a sociedade” (BACCEGA, 2009, p.26).

Assim, “[...] o *Facebook* surge como um novo cenário para aprender a aprender e aprender com o outro, ou seja, aprender a conviver virtualmente, num processo interativo pedagógico comunicacional que emerge no ciberespaço” (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012, p.07). Pode-se também relacionar esses novos jeitos de aprender ao *Facebook* e ao que se chama competências educacionais (MEIRIEU, 1998). Isso porque nessa rede social todos os atores envolvidos no processo de ensinar e aprender podem ter espaço e competências.

Há, então, o que pode ser chamado de empoderamento (FREIRE, 2001) - principalmente dos estudantes -, que ocorre em vários níveis: cognitivo, psicológico, político, comunicacional. Diz-se isso, pois no *Facebook*, como espaço para proposições e reflexões por parte do professor e alunos, o estudante pode despertar o interesse em se manifestar, considerando sua presença virtual em um meio já conhecido e cotidiano, em que não há uma barreira hierárquica e espaços privilegiados, como ocorre na sala de aula presencial, por exemplo, quando o professor fica em frente a todos os estudantes enfileirados.

Outra importante característica da Rede Social *Facebook*, que pode ser um grande potencial para que possa ser considerada recurso educacional colaborativo, é a possibilidade de participação e a constituição da rede como um espaço de participação. O que é especialmente pertinente se se considerar que Demo (2001) entende participação como processo sócio-histórico-cultural e, assim, alma da educação, que deve ser cultivada cotidianamente por meio das relações sociais. Sendo assim, a escola tem um papel essencial no desenvolvimento de processos participativos de seus atores.

Além disso, tem-se o fato de que muitas das plataformas de aprendizagem, quando utilizadas por muito tempo sem atratividade, desmotiva a participação e o interesse dos alunos, “[...] já a rede social *Facebook* permite incorporar, personalizar, redimensionar, dinamizar e agregar sentido ao aprendizado, se tornando atrativa” (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012, p.07), fazendo com que o estudante saia do papel de receptor passivo e passe a ser o agente responsável pelo seu aprendizado.



Assim, é possível descrever as principais potencialidades pedagógicas do *Facebook* para a aprendizagem colaborativa. Destaca-se a capacidade de gerar valores em torno de um objetivo comum dos grupos, culminando em sentimentos de pertencimento e aprendizagem social/coletiva; bem como a possibilidade de abordagens inovadoras da aprendizagem e da apresentação de conteúdos por meio de situações reais, considerando a informação que compõe o aprendizado de vir dos próprios integrantes da rede por meio de variados recursos multimídias.

Nota-se, então, que o *Facebook* possui potenciais para tornar-se não só um canal de comunicação, mas uma ferramenta de promoção da aprendizagem colaborativa, promovendo o pensamento crítico, ao fornecer oportunidades de debates e diversidade de conhecimentos do grupo, favorecendo a aprendizagem colaborativa e a troca de experiências de saberes (FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2012).

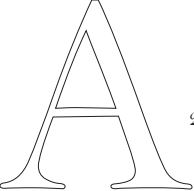
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tornou possível materializar algumas reflexões e percepções em torno de potencialidades da rede social *Facebook* como recurso educacional colaborativo e, assim, Tecnologia Social em Rede. Tais reflexões permitiram a confirmação de que há sim características potenciais para que se torne possível a construção coletiva de conhecimento em uma rede social. Nesse sentido, torna-se indiscutível que a colaboração em rede proporciona maior autonomia dos atores envolvidos, estimula a inteligência coletiva e o conhecimento contínuo para muito além dos muros de uma escola. A figura do educador passa a ser a de mediador e construtor do conhecimento coletivamente.

A partir do exposto ao longo do presente trabalho, acredita-se que pesquisas desse tipo permitem que sejam percebidas perspectivas inéditas acerca de contextos e cenários educacionais, ao mesmo tempo em que apresentam novos desafios para a educação formal e escolar, visto que, cada vez mais, o universo escolar precisa estar atento às rápidas mudanças, o docente deve aprender a otimizar a rede para estabelecer uma aprendizagem colaborativa, com objetivos claros, metodologias e avaliações definidas, alinhadas à proposta estabelecida entre professor e aluno. Para isso, entende-se que o professor precisa conhecer bem os aplicativos - e todas as potencialidades - que podem contribuir com sua prática pedagógica, bem como a mediação deles nesta plataforma de interação e colaboração.

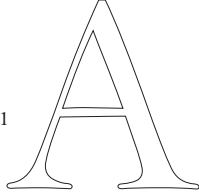
Além disso, o presente estudo também tornou possível evidenciar metodologias de trabalho e ensino baseadas na colaboração e na cooperação em espaços de ensino e aprendizado e revisão de algumas mudanças que ocorreram ao longo dos últimos anos, especialmente no que se refere aos contextos e às práticas educacionais, bem como aos modos de ensinar e aprender. O que se considera de suma importância, visto que na atualidade trabalhar em rede com o apoio das Tecnologias da Informação e da Comunicação, especialmente se juntas às Tecnologias Sociais, representa uma nova maneira de se entender e de estabelecer as competências necessárias para ser educador e educando.

E é nesse ponto que, acredita-se, pesquisas como a apresentada ao longo dessas páginas podem contribuir muito para a mudança e o fortalecimento de ambientes e práticas educacionais atualmente. Espera-se, como pesquisadoras da área, poder fazer, em um futuro próximo, mais reflexões e contribuições para educadores e educandos que pretendam utilizar a rede social *Facebook* - como ambiente colaborativo e tecnologia social - em suas práticas de ensino e aprendizagem.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. **Facebook**: tudo sobre a rede social mais usada do mundo. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/facebook/#historia>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- ALTOÉ, A.; SILVA, H. da. O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu Emprego na Educação. In: ALTOÉ, A.; COSTA, M. L. F.; TERUYA, T. K. **Educação e Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005, p 13-25.
- BACCEGA, M. A. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. São Paulo: Revista Comunicação & Educação, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Comunicação e Uso das Mídias**. Brasília, s/d., 72 p. (Série Mais Educação). Disponível em: < http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/pme/comunicacao_midias.pdf >. Acesso em: 27 mar. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Cultura Digital**. Brasília, s/d., 56 p. (Série Mais Educação). Disponível em: <http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/pme/cultura_digital.pdf >. Acesso em: 27 mar. 2017.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **La era de la información**. Madrid: Alianza, 2000.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual**: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004, p. 15-64.
- FERREIRA, J. de L.; CORRÊA, B. L. de P.G.; TORRES, P. L. O uso pedagógico da rede social Facebook. In: TORRES, P. L.; WAGNER, P. R. (Org.). **Redes Sociais e educação**: desafios contemporâneos / comunidade virtual de aprendizagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 1CD-ROM.
- FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- INSTITUTO KAIROS. **Tecnologias Sociais**. s/d. Disponível em: <<http://institutokairos.org.br/tecnologias-sociais>>. Acesso em: 16 mar. 2017.
- LEVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 24, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, J. **La educación desde la comunicación**. Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol>>.



com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=colabora%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 26 dez. 2016.

MONEREO, C; POZO, J. Competencias para (con)vivir con el siglo XXI. **Cuadernos de Pedagogía**, 370, 12-18, 2007.

TYBUSCH, J. **PACC – Capacitação em Autoria e Coautoria em Ambientes Virtuais de Ensino-Aprendizagem**. Santa Maria: NTE, s/d, 2012.